

O processo de palatalização na fala de florianopolitanos nativos em *corpus* de fala espontâneo e controlado

Letrônica

Carine Haupt¹
André Berri²

1 Introdução

O presente trabalho é um estudo fonético-fonológico da realização do arquifonema /S/, tanto em sílaba medial quanto final, numa perspectiva sincrônica, na fala de moradores nativos de Florianópolis.

A variação entre a realização alveolar e palato-alveolar da fricativa coronal /S/ é um fenômeno já bastante discutido em todo território brasileiro, haja vista a quantidade de trabalhos realizados em diversas regiões, inclusive em Florianópolis (BRESCANCINI, 1996, 2003a, 2003b). Contudo, resolvemos estudar sua ocorrência na fala de florianopolitanos, usando um outro tipo de *corpus* – um *corpus* lido – a fim de comparar os resultados com aqueles que encontramos em trabalhos feitos com fala espontânea, como, por exemplo, com dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul) (Id. 2003a, 2003b). Acreditamos que, por a palatalização ser um processo bastante difundido em Florianópolis³, a realização palato-alveolar de /S/ seja predominante até em um *corpus* com um grau de monitoramento de fala maior, como é o caso da leitura.

Com o objetivo central de oferecer explicações linguísticas e/ou sociolinguísticas, o fenômeno da palatalização será analisado sob a perspectiva da sociolinguística quantitativa de

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC- e professora efetiva da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

² Doutor em Linguística e professor efetivo da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

³Brescancini (2003a) atesta que o uso da variante palato-alveolar é predominante em Florianópolis, chegando a 83% das ocorrências analisadas.

origem laboviana. Interessa a essa pesquisa não somente fazer um levantamento das ocorrências de palatalização, mas também tentar explicar esse fenômeno. Para tanto, usamos como referencial teórico os estudos em fonologia multilinear, mais especificamente o modelo da Fonologia da Geometria de Traços (GT), e a Teoria da Variação. O modelo da GT parece ser o mais apropriado, uma vez que estuda a organização dos traços de cada segmento de forma independente e hierarquizada, o que permite entender como um traço pode se estender além de um segmento ou como o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços. Além disso, esse modelo está profundamente comprometido com a realidade fonética. A pesquisa se valerá também do apoio da fonética acústica para sanar dúvidas em relação à transcrição fonética.

O trabalho se constitui de partes distintas. Primeiramente, é feita uma revisão bibliográfica tratando de caracterizar fonologicamente os segmentos em questão, isto é, as sibilantes [s, z, Σ , Z], de acordo com a Fonologia da Geometria de Traços. Ainda na revisão bibliográfica, descrevemos os resultados das pesquisas de Brescancini (1996, 2003a), que serão objeto de nossa comparação. Num segundo momento, apresentamos algumas discussões sobre o estudo da variação que norteia a metodologia adotada na pesquisa. Trazemos, também, detalhes sobre as variáveis envolvidas e os informantes. Por fim, analisamos os resultados das ocorrências de palatalização a partir do referencial teórico proposto e das hipóteses levantadas.

2 A caracterização fonológica das sibilantes /s, z, Σ , Z/ de acordo com a GT

A diferença entre as sibilantes alveolares e palato-alveolares e a livre variação entre as duas categorias podem ser bem explicadas através da Geometria dos Traços, uma vez que esse modelo está comprometido com a realidade fonética. De acordo com essa teoria, proposta por Clements e Hume (1993), essas sibilantes são classificadas como coronais, devido ao seu ponto de articulação, e diferenciam-se por / Σ / ser uma consoante do tipo complexa, enquanto que /s/ é uma consoante simples, plena. Isso significa que a palato-alveolar apresenta dois traços de articulação oral. Ela apresenta o nó dos pontos de consoantes (pontos de C) e o nó dos pontos de vogal (pontos de V), que ficam sob o domínio do nó vocálico. Sob o domínio do nó vocálico fica também o nó de abertura, que apresenta como dependentes os traços -ab1, -ab2, -ab3, que caracterizam uma vogal alta. Essa representação é defendida por Hernandorena (1994) e fundamentada por dados de aquisição. Segundo essa autora, todas as consoantes palatais do português são complexas, enquanto que as alveolares

são simples e, redundantemente, [+anterior]. Às complexas, por sua vez, atribui-se o valor [-anterior] como decorrência da estrutura desses segmentos pela seguinte razão: há a incorporação do nó vocálico e dos pontos de V que representam a articulação secundária. Quando há o traço [coronal] sob o domínio do nó dos pontos de V, dele só pode depender o traço [-anterior], pois o traço [coronal] das vogais implica redundantemente o traço [-anterior]. Esse valor, [-anterior], faz com que o traço [coronal] sob o domínio do nó dos pontos de C passe a ter o mesmo valor, isto é, ocorre uma conversão do valor desse traço. De acordo com essa explicação, temos a seguinte representação para a consoante complexa /ʃ/ e para a consoante plena /s/.

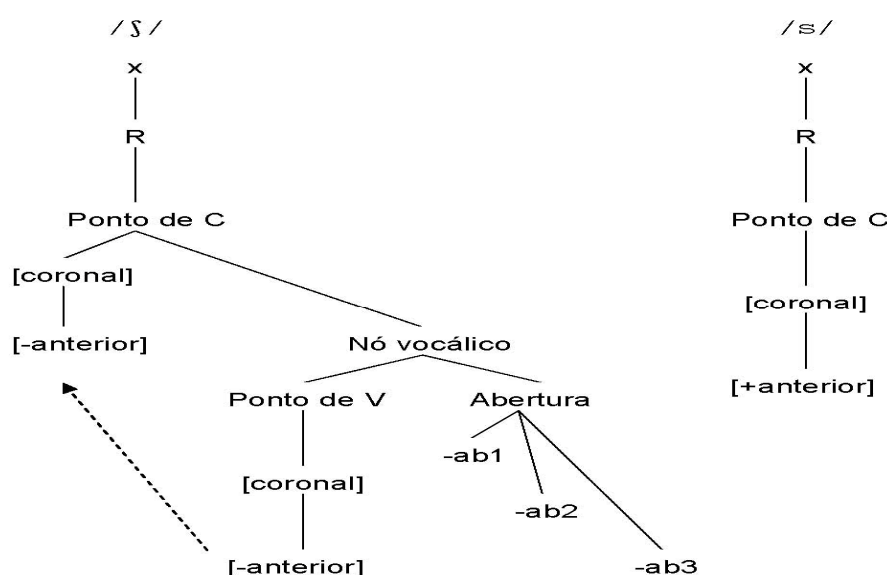


Fig. 1 - Representação da consoante complexa /ʃ/ e da consoante plena /s/

Corroboram a afirmação de que /ʃ/ e /ʒ/ são consoantes complexas estudos de aquisição de linguagem. Segundo Hernandorena (1994), tem-se observado que as consoantes palatais são adquiridas mais tardiamente no processo de aquisição da fonologia do português. O que se constatou em Hernandorena (1990) e Lamprecht (1990) é que /ʃ/ e /ʒ/ tendem a ser substituídos por /s/ ou /z/, como em [ʒα∪VEλ↔], ou por uma semivogal, num processo de semivocalização, [φα∪VEλ↔]. Isso pode evidenciar o fato de que as crianças estão atribuindo o comportamento de consoantes complexas às fricativas palato-alveolares /ʃ/ e /ʒ/.

A partir desse entendimento, o processo de substituição $s \rightarrow s\&$ e $z \rightarrow z\hat{\circ}$, atribuído às crianças em fase de aquisição da fonologia – assim definido com base no sistema fonológico adulto – passa a ser visto como uma “não ligação” do nó VOCÁLICO à estrutura complexa das consoantes palatais, enquanto o processo de semivocalização das fricativas complexas passa a ser entendido como a “não ligação” do traço

[coronal] imediatamente dominado pelo nó do ponto de C desse segmento. (HERNANDORENA, 1994, p.166)

Podemos concluir, então, que o desligamento do nó VOCÁLICO transforma /Σ/, uma consoante complexa, em /s/, uma consoante simples. Portanto, um processo fonológico, o desligamento de um nó⁴, explica como é possível a livre variação entre as alveolares e as palato-alveolares em coda silábica, em que não há alteração de significado.

3 Estudos sobre palatalização

O estudo de Brescancini (1996) é de especial interesse para o nosso trabalho, uma vez que trata do fenômeno na mesma cidade em que fizemos o nosso estudo. Ela analisou dados de 36 informantes de três regiões de Florianópolis (Freguesia do Ribeirão da Ilha, Sertão do Ribeirão da Ilha e o Distrito de Florianópolis- centro) em entrevistas por ela mesma gravadas. A aplicação total de ocorrências de palatalização da fricativa coronal em coda foi de 61%. Em relação às variáveis analisadas, os resultados foram os seguintes (listados em ordem e relevância estatística, obtida com a análise realizada com o pacote de programas VARBRUL):

- 1º) traço [voz], em que o traço [-voz] favoreceu a aplicação da regra;
- 2º) sexo, com uma incidência maior de palatalização entre as mulheres;
- 3º) posição na sílaba, em que a posição medial foi a mais favorecedora para a aplicação da regra;
- 4º) contato externo, que apontou para uma maior incidência do fenômeno em indivíduos com um grau de interação sócio-cultural maior;
- 5º) região, com mais ocorrências de fricativas palatalizadas na Freguesia do Ribeirão da Ilha;
- 6º) escolaridade, em que o fator '0 – 4 anos de escolaridade' mostrou-se como favorecedor da aplicação da regra;
- 7º) tipo de item lexical, em que os numerais, especialmente 'dois', condicionaram mais a palatalização;
- 8º) contexto precedente, em que a realização palato-alveolar da fricativa coronal /S/ foi favorecida pela vogal dorsal [a];
- 9º) tonicidade, que apontou para uma maior aplicação da regra da palatalização em contextos pré-tônicos e tônicos;

⁴ O desligamento de nós também explica processos fonológicos categóricos.

10º) contexto seguinte, entre o qual, as consoantes dorsais [g, k, x] foram favorecedoras;⁵
11º) a variável 'idade' não foi considerada estatisticamente relevante.

Em relação à variável 'contexto seguinte', é interessante mencionar o trabalho de Hora (2003), que analisa dados de fala de João Pessoa. Segundo seus resultados, a palatalização só é favorecida em contexto de consoante coronal [+anterior], ou seja, [t, d]. A aplicação da regra em outros contextos é praticamente nula. O mesmo autor afirma que, no Rio de Janeiro, a palatalização já é gramaticalizada, sendo indiferente o contexto seguinte. Hora (2003) afirma que, em João Pessoa, trata-se de um processo dissimilatório, enquanto no Rio de Janeiro, os dados revelam um processo assimilatório. Já em Florianópolis, como pudemos ver, o fenômeno ocorre preferencialmente em contexto de consoantes dorsais. Essas diferenças nos fazem crer que podem existir diferentes motivações para a aplicação da palatalização.

Em estudo posterior, Brescancini (2003a) analisou o processo de palatalização, também em Florianópolis, com dados do banco de dados do VARSUL. Os resultados aos quais ela chegou foram bastante similares aos de 1996, com um valor diferente para a aplicação total da variante palato-alveolar, 83%. A primeira variável linguística estatisticamente relevante foi o traço [voz], em que [-voz] favoreceu a palatalização, seguida da variável 'contexto precedente', que teve a vogal dorsal [a], em segunda posição, como condicionadora, ao lado do fator 'ausência de vogal', que foi predominante. Em terceiro lugar ficou a variável 'contexto seguinte', que teve como fator condicionante a consoante coronal [-anterior] [tΣ], seguido das dorsais [k, g, x]. No entanto, a autora considerou esse resultado de modo relativo, visto que a ocorrência das coronais [tΣ] representou apenas 3% do total. Em quarto lugar, encontramos o 'acento', com uma maior aplicação da regra em contextos pré-tônicos e, por fim, a variável 'posição da fricativa na palavra', em que a posição medial foi favorecedora. Em relação à tonicidade, a autora amalgamou todos os fatores em apenas dois – forte e fraco – e obteve um resultado que confirmou o que já havia sido constatado no estudo anterior, isto é, de que a posição 'forte' é maior indutora da produção da consoante palato-alveolar. Quanto às variáveis sociais, houve taxas mais altas para os mais escolarizados, enquanto que para idade, a variante mostrou-se estável. Outra observação interessante a se fazer sobre esse estudo é de que todas as variáveis, tanto as linguísticas quanto as sociais, foram relevantes, porém "o programa de análise estatística privilegiou, de modo geral, as variáveis linguísticas." (BRESCANCINI, 2003a, p.322).

⁵ A análise dos dados é mais complexa do que a breve exposição que aqui fizemos. A autora cruza variáveis, realiza rodadas por regiões, e com isso chega a conclusões mais consistentes. A leitura do trabalho na íntegra é recomendada para o leitor interessado num maior detalhamento dos resultados.

Acreditamos que, de posse da leitura desses dois trabalhos (BRESCANCINI, 1996, 2003a), temos parâmetros interessantes para fazer comparações como o nosso estudo que, embora tenha o mesmo objeto, é de natureza diferente, pois é feito a partir de dados de um *corpus* lido.

4 Metodologia

O presente estudo constitui-se das seguintes etapas: definição das variáveis linguísticas e sociais com base nos estudos teóricos; elaboração do *corpus*; coleta de dados através do *corpus* lido junto aos informantes; levantamento das ocorrências da palatalização usando um programa de estatística VARBRUL e interpretação dos resultados a partir da fonologia da Geometria dos Traços e das informações acerca das variáveis sociais.

Para realizar a pesquisa, tomamos alguns princípios e métodos da sociolinguística, mais especificamente, da Teoria da Variação, apresentada, inicialmente, por Labov (1972) em estudos sobre variações fonéticas em Nova Iorque, entre 1963 e 1964, e na ilha de Martha's Vineyard, em 1963. O princípio fundamental que norteia o trabalho da sociolinguística é de que as forças sociais operam continuamente sobre a língua. “Assim, atitudes linguísticas são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado” (TARALLO, 1986, p. 14).

Estudar a variação e as mudanças na língua significa olhar três questões: i) a origem das variações; ii) a extensão e a propagação das mudanças; iii) a regularidade das mudanças. As variações linguísticas podem ser estruturalmente motivadas, introduzidas por diferentes processos como assimilação, dissimilação, analogia, entre outros. Essas variações podem ser esporádicas e extinguir-se ou entrar em conflito com uma outra forma já existente. No caso de uma das duas formas deixar de ser usada, dizemos que houve uma mudança, isto é, uma variante tornou-se regular e a outra extinguiu-se.

No presente estudo, estamos lidando com uma regra variável, a palatalização. Ela pode ser resultado de um processo dissimilatório ou de assimilação, fato que pretendemos apurar no decorrer do estudo e das análises dos dados. A aplicação ou não da regra pelos falantes pode ser favorecida ou não por contextos linguísticos e sociais diversos. No caso da regra de palatalização do arquifonema sibilante /S/, temos como variável dependente o /S/ pós-vocálico que pode realizar-se como alveolar surda (fe[s]ta), alveolar sonora (me[z]mo),

palatal surda (fe[Σ]ta), palatal sonora (me[Z]mo), fricativa laríngea (me[h]mo) ou zero fonético (meømo). No entanto, o que será de fato analisado nesse trabalho são as ocorrências alveolares e palato-alveolares dessa consoante. Como variáveis independentes, temos os diferentes contextos linguísticos em que a consoante ocorre e as variáveis sociais. Acreditamos que estamos lidando com uma variação estável, e não com processos que evidenciam uma mudança fonética e/ou fonológica.

As variáveis linguísticas escolhidas, que constituem os diferentes contextos em que a consoante fricativa /S/ ocorre, foram definidas de modo a abranger diversos fatores que poderiam ser relevantes na palatalização ou na sua inibição. Essas variáveis são as seguintes:

a) Posição na sílaba

Engloba as posições em que o /S/ pós-vocálico pode ocorrer: contextos mediais e os contextos de final de palavra absoluto ou seguido de outra palavra, envolvendo processos de ressilabação. Essas posições são: posição medial, posição final absoluta, posição final não absoluta seguida de vogal e consoante.

Partimos da hipótese de que a posição medial será a favorecedora, visto que, na maioria dos estudos já feitos, como Callou e Marques (1975), Callou e Moraes (1995), Brescancini (1996), Scherre e Macedo (2000), essa posição foi destaque. A motivação linguística para esse fato pode não estar exclusivamente nessa variável, mas pode estar relacionada a outras variáveis, tais como ‘contexto seguinte’ e ‘vozeamento’.

b) Contexto seguinte

Procura englobar o maior número de contextos que seguem o /S/ em posição de coda. Os contextos de consoantes foram divididos de acordo com o ponto de articulação.

- labiais: [p, b, f, v, m]

- coronais: [t, d, l, n], todas com o traço [+anterior]

-dorsais: [k, g, x]

Além desses contextos seguintes, temos ainda Ø, quando a fricativa coronal estiver em final absoluto, e vogal, encontrada no início da palavra seguinte.

Em termos fonéticos, há a retração do corpo da língua na realização das palato-alveolares, por isso acreditamos que as consoantes dorsais, por também promoverem a retração do corpo da língua, sejam favorecedoras. O contexto labial, como atestam os estudos de Bhat (1978), também pode ser favorecedor, uma vez que há o envolvimento de uma articulação labial, também presente na consoante palato-alveolar.

c) Contexto precedente

Incluem-se nesse contexto todas as vogais que podem preceder o /S/ e as semivogais /j/ e /w/. As vogais são agrupadas em labiais [v,o,], coronais [ɪ,ɛ,E], dorsal [α] (conforme o modelo de Geometria dos Traços), de modo que não serão analisadas as ocorrências em relação a uma vogal em específico.

Acreditamos que a vogal dorsal, assim como as consoantes dorsais, seja favorecedora. Por outro lado, as vogais labiais também são [+posteriores], isto é, há a retração do corpo da língua, além de terem a protusão labial, o que nos permite levantar a hipótese de que elas também podem favorecer a aplicação da regra. Resta saber em que medida as vogais labiais e a dorsal são condicionadoras da produção palato-alveolar da fricativa coronal /S/.

d) Vozeamento

Essa variável diz respeito ao traço [±voz] da consoante seguinte. Para a produção de uma consoante como o traço [-voz] é usado mais força articulatória do que para uma consoante [+voz]. Esse fato nos permite levantar a hipótese de que o contexto [-voz] será favorecedor, visto que a consoante palato-alveolar tem intensidades maiores que a alveolar.

e) Tonicidade

Para essa variável não criamos novas frases, fazemos apenas um reagrupamento das frases usadas para as variáveis anteriores. As frases são divididas de acordo com a sílaba em que o /S/ da palavra em questão ocorreu, isto é, em três grupos: tônicas, monossílabas e átonas. No caso das átonas, não se considerou relevante dividi-las em pretônicas e postônicas, pois a ocorrência destas últimas foi muito pequena.

Partindo do mesmo princípio usado para tratar da variável ‘vozeamento’ de que [Σ, Z] são mais intensas, acreditamos que contextos mais fortes sejam favorecedores, ou seja, as sílabas tônicas.

Conscientes da necessidade de também avaliar as questões sociais nos fenômenos da linguagem, temos os seguintes grupos de fatores:

- a) idade: indivíduos de 15 a 24 anos, de 25 a 50 anos e de mais de 50 anos;
- b) grau de escolaridade: até 8 anos, inclusive, e mais de 8 anos. Pensamos em incluir o fator até 4 anos, mas devido à natureza do *corpus*, decidimos deixar esse fator de lado;
- c) sexo: masculino e feminino.

Tecemos as seguintes hipóteses:

- 1- o fenômeno não é estigmatizado e, portanto, não esperamos encontrar diferenças significativas entre homens e mulheres;

2 - trata-se de um fenômeno de variação estável, de modo que acreditamos que tanto os mais jovens quanto os mais velhos palatalizem em proporções semelhantes;

3 - quanto ao nível de escolaridade, acreditamos que possa haver preferência pela variante alveolar em sujeitos mais escolarizados, visto que essa variável pode estar associada a outro fator: maior contato com pessoas não nativas do município, quer na escola, quer no trabalho, que não usam a variante palato-alveolar.

Os informantes foram escolhidos de modo a preencher as variáveis sociais delimitadas acima. Além disso, eles ainda tinham que ser nascidos na região estipulada para o estudo; ser filhos de pais também originários da região e descendentes de açorianos (a fim de evitar influência de outras culturas) e ter vivido no mínimo 2/3 da sua vida na região. A comunidade estipulada para o estudo foi a do distrito do Ribeirão da Ilha, por ser uma localidade com um grande número de pessoas nativas do município e descendentes de açorianos. O número de informantes é de 24 pessoas, 12 homens e 12 mulheres.

5 Resultados e discussão

No total, foram analisadas 1833 palavras. O trabalho com o pacote de programas do VARBRUL nos mostrou quais foram os fatores estatisticamente mais relevantes para o fenômeno. A ocorrência total da variante palato-alveolar, em nosso *corpus*, foi de 66%, correspondendo à nossa expectativa de que a palatalização é um fenômeno recorrente em Florianópolis, além de estar de acordo com os estudos anteriores de Brescancini (1996, 2003). O programa IVARB do pacote VARBRUL considerou as seguintes variáveis estatisticamente relevantes: escolaridade, contexto seguinte, gênero, idade e contexto antecedente, nesta ordem.

A escolaridade foi o grupo de fatores mais significativo. Observando a tabela abaixo, constatamos que o fator 'até 8 anos de escolaridade' favorece o fenômeno, pois o peso relativo é bem alto, enquanto que o fator 'mais de 8 anos', não.

Tab. 1 - Resultados referentes ao grupo de fatores 'escolaridade' no processo de palatalização

Fator- escolaridade	Aplicação Total	%	Peso relativo
Até 8 anos de escolaridade	895/1066	83	.75
Mais de 9 anos de escolaridade	534/1072	49	.25
Imput: 0,73			Significância: 0.000

Por que a maior escolaridade teria tanta influência no desfavorecimento da palatalização? A nossa hipótese é de que, junto com um maior grau de escolaridade podemos associar ainda um outro fator - o maior contato com pessoas de outras localidades, e até de outros estados, que não têm em seu dialeto a variante palato-alveolar, visto que na localidade não há cursos técnicos nem cursos de nível superior, o que obriga as pessoas a saírem do local de moradia para estudar. Além disso, muitos professores da própria escola local também não são nativos, o que também poderia já gerar algum tipo de interferência. O contato com outras culturas e outros falares é, juntamente com o grau de escolaridade, um fator de peso na inibição do processo de palatalização, ainda mais se considerarmos que esse ocorre em algumas cidades de SC, mas não ocorre nos estados vizinhos, de onde vêm muitos dos imigrantes que se instalam em Florianópolis.

A análise de contexto seguinte ao arquifonema sibilante resultou na seguinte tabela.

Tab. 2 - Resultado referente ao grupo de fatores ‘contexto seguinte’ no processo de palatalização

Contexto seguinte	Aplicação total	%	Peso relativo
Consoantes labiais hos[p]ital ônibus [p]ara	387/541	72	.60
Consoante coronal his[t]ória / diz [t]er	394/570	69	.54
Consoante dorsal ves[g]o / rapaz [k]eu	212/302	70	.56
Final absoluto capaz Ø	176/236	75	.59
Vogal diz [i]sso	36/178	20	.07
Input: 0.73	Significância: 0,000		

Conforme nossa hipótese, as consoantes dorsais e labiais favoreceriam a aplicação da regra de palatalização. De fato, em nosso *corpus*, o fenômeno foi favorecido por esses dois contextos de consoante seguinte, com um peso maior para as consoantes labiais. Por outro lado, a consoante coronal não foi inibidora, apenas teve um peso um pouco menor que as outras duas classes, fato que não esperávamos, pois essas consoantes não compartilham dos traços [-anterior] e [+alto] das consoantes palato-alveolares, de modo que, em termos articulatórios, não favoreceriam a retração do corpo da língua necessária para a palatalização. Parece-nos que essa variável foi estatisticamente relevante pelo fato de o fator ‘vogal’ ser altamente inibidor, visto que os demais fatores tiveram pesos relativos e uma aplicação da regra em porcentagem bastante próximos.

Percebemos, portanto, que o fator que mais inibe o processo de palatalização é a vogal. Lembremos que a vogal ocorre sempre em palavra seguinte e que o arquifonema se encontra em posição de final de palavra. O que ocorre é que esse contexto favorece um outro processo, o sândi, ou seja, a formação de uma nova sílaba com o /S/ final e a vogal seguinte. Nesses casos não ocorre palatalização, pois para a formação da nova sílaba usa-se a consoante alveolar. Os espectrogramas, que nos auxiliaram na transcrição, mostraram que, nos poucos casos em que ocorreu uma consoante palato-alveolar antes da vogal, houve uma pequena pausa, que podia ser percebida por um pequeno espaço de tempo em que não aparecem formantes no espectrograma, o que evidencia que não houve a formação de uma nova sílaba.

Voltemos, brevemente, à questão das consoantes coronais. Apenas um de nossos informantes usou como variante coronal a consoante [tΣ]. Essa consoante caracteriza-se por ser coronal [-anterior], assim como o [Σ] e o [Z]. Poderíamos, então, esperar que essas duas consoantes fossem favorecidas nesse contexto. No entanto, não foi isso que aconteceu – o informante usou apenas a consoante alveolar em coda. Esse fato é interessante e pode nos indicar que a opção do falante não foi condicionada por fatores linguísticos, mas por fatores extralinguísticos, de natureza social. Ou estaríamos diante de um processo de dissimilação em que o falante acentua as diferenças entre as duas consoantes adjacentes, escolhendo uma consoante que compartilha menos traços com o contexto seguinte?

O contexto seguinte Ø também foi favorecedor. Não havíamos lançado nenhuma hipótese para esse fator, mas o resultado, considerando que podemos atribuir por regra *default* o traço [-voz] à fricativa sibilante em posição de coda final absoluta, está dentro de nossas expectativas.

Tomando os resultados referentes ao contexto seguinte em nosso *corpus*, podemos dizer, resumidamente, que todos os fatores são favorecedores, com exceção do fator ‘vogal’, devido ao processo de ressilabação.

O terceiro grupo de fatores estatisticamente mais relevante foi o sexo. Ao contrário do que esperávamos, houve diferenças expressivas na palatalização para os dois fatores. Vemos que o grupo dos homens favorece a aplicação da regra, enquanto que o das mulheres a desfavorece.

Tab. 3 - Resultado referente ao grupo de fatores 'sexo' no processo de palatalização

Fator- sexo	Aplicação total	%	Peso relativo
Feminino	590/1080	53	.30
Masculino	839/1058	79	.70
Input: 0,73		Significância: 0.000	

Ao cruzarmos esse grupo de fatores com a escolaridade, vemos que as mulheres mais escolarizadas palatalizam bem menos do que os homens. Já no grupo dos menos escolarizados, isto é, com até 8 anos, não houve diferenças entre homens e mulheres, ambos preferem a variável palatalizada.

Tab. 4 - Cruzamento dos fatores 'escolaridade' e 'sexo'

	Aplicação da regra	Até 8 anos de escolaridade	Mais de 8 anos de escolaridade
Mulheres	Sim	82%	25%
	Não	18%	75%
Homens	Sim	85%	73%
	Não	15%	27%

Esses dados podem ser melhor visualizados no gráfico abaixo, em que fica evidente que o grau de escolaridade atua no sentido da não palatalização para as mulheres, enquanto que para os homens quase não há diferença.

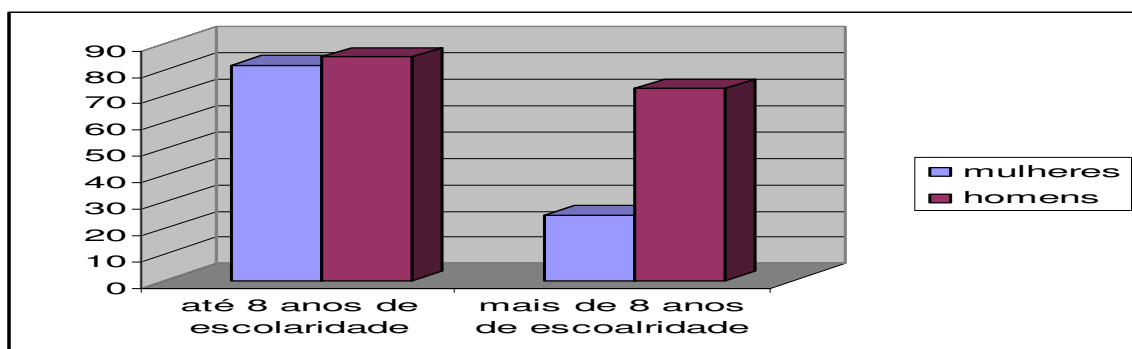


Gráfico 1 – Aplicação da regra de palatalização por homens e mulheres segundo seu grau de escolaridade

De acordo com muitos estudos sociolinguísticos, como Guy (1981) e Oliveira (1982), as mulheres tendem a ser mais conservadoras, ou seja, aplicam menos a regra quando esta forma não for a prestigiada, preferindo a forma padrão. Já em processos em que a regra se refere a processos em mudança em que a variável em questão é padronizada, elas tendem a liderar o processo.

Cabe a nós, agora, pensar a respeito do nosso fenômeno. Trata-se de uma forma não padrão, estigmatizada? Poderíamos pensar que as mulheres aplicam menos a regra porque esta não é a forma prestigiada. No entanto, não acreditamos que a variante palato-alveolar não seja prestigiada, mas, como afirmamos acima, trata-se de um processo não muito difundido no sul do país, o que faz dele uma marca capaz de identificar um nativo de Florianópolis. E como essa cidade está recebendo muitas pessoas de outras cidades e estados, os resultados obtidos nos fazem levantar a hipótese de que os homens mostram uma tendência de manter a marca típica da região, enquanto que as mulheres tendem a se aproximar do padrão dos falantes de fora, de forma a minimizar as diferenças. Por outro lado, podemos dizer que as mulheres mais escolarizadas palatalizam menos, o que nos permite considerar a possibilidade de que elas estejam sendo mais suscetíveis à ação da escola (SILVA, 1996), que, por ser um local onde se encontram muitos alunos e professores de outras localidades, pode influenciar no sentido da não-palatalização. Essa hipótese pode ser facilmente verificada na tabela 5, que mostra que as mulheres com mais de 8 anos de escolaridade preferem a variante alveolar, enquanto os homens aplicam a regra da palatalização.

O grupo de fatores 'idade' foi listado como sendo o quarto grupo estatisticamente mais relevante.

Tab. 5 - Resultados referentes ao grupo de fatores 'idade' no processo de palatalização

Fator- idade	Aplicação total	%	Peso relativo
15 a 25 anos	321/607	53	.29
26 a 50 anos	453/610	74	.65
Mais de 50 anos	431/179	71	.56
Input: 0.73			Significância:0.000

Percebemos que a variante não ocorre igualmente em todas as faixas etárias. Observamos que a aplicação da regra é bem inferior entre os mais jovens e se mantém relativamente no mesmo nível entre o grupo dos adultos com até e mais de 50 anos. A variação não parece tão estável como esperávamos. Talvez estejamos diante de um processo de mudança em que a variante palato-alveolar esteja perdendo espaço. Para fundamentar essa afirmação, teríamos que fazer um estudo mais aprofundado de questões sociais, como: o grande número de pessoas que chegam de outras cidades e estados para morar em Florianópolis; o crescimento econômico; a exploração turística mais intensa da localidade; o maior contato com centros urbanos, especialmente por parte dos jovens que procuram novas oportunidades de estudo e trabalho, entre outros. Com os dados que temos no momento, podemos apenas considerar a possibilidade de o processo de palatalização estar diminuindo

em função de fatores extralinguísticos diversos, o que se retrata na inibição do processo pelo grupo de pessoas mais jovens.

O último grupo de fatores considerado estatisticamente relevante foi aquele referente ao contexto antecedente.

Tab. 6 - Resultados referentes ao grupo de fatores 'contexto antecedente' no processo de palatalização

Fator- contexto seguinte	Aplicação total	%	Peso relativo
Vogal labial h[o]spital	221/300	74	.62
Vogal coronal [e]spelho	669/1018	66	.45
Vogal dorsal c[a]stigo	170/226	75	.60
Semivogal /w/ de[w]s	59/93	63	.57
Semivogal /i/ se[j]s	86/190	45	.43
Input: 0.73		Significância:0.000	

Ao observarmos a tabela, percebemos que a vogal e a semivogal coronais apresentam pesos relativos bem próximos. O mesmo ocorre com a vogal e semivogal labiais. Como as vogais e semivogais apresentam as mesmas características articatórias, decidimos amalgamar as semivogais com o fator vogal correspondente, reduzindo, assim, a variável contexto antecedente a três fatores: vogal coronal, vogal labial e vogal dorsal.

Para termos certeza de que não estaríamos perdendo informações significativas com a amalgamação, realizamos o teste do X^2 , que nos permitiu testar se a distinção entre vogal coronal/labial e semivogal coronal/labial é relevante ou não. Para tanto, estabelecemos duas hipóteses: a hipótese nula, na qual os fatores em questão são significativos e, portanto, devem permanecer separados; e a hipótese alternativa, em que admitimos que a distinção entre os fatores não é significativa, podendo ser amalgamados. À hipótese nula corresponde a primeira rodada no programa de estatística, com todos os fatores; e à hipótese alternativa, a segunda rodada, com os fatores amalgamados. O resultado a que chegamos foi de 0,422, com grau de liberdade 2. A tabela de X^2 consultada indica que a chance da diferença entre as vogais e semivogais não ser significativa é bastante alta, de modo que aceitamos a hipótese alternativa, ou seja, amalgamamos os fatores.

Assim, temos agora a seguinte tabela:

Tab. 7 – Resultados referentes ao grupo de fatores ‘contexto antecedente’ no processo de palatalização – fatores amalgamados

Fatores	Aplicação total	%	Peso relativo
Labial h[o]spital	280/393	71	.61
Coronal [e]spelho	755/1208	63	.45
Dorsal c[a]stigo	170/226	75	.60
Input:0.73			Significância:0.000

Como podemos ver, os fatores ‘vogal labial’ e ‘vogal dorsal’ favoreceram a aplicação da regra, enquanto que o fator ‘vogal coronal’ desfavoreceu. Esses resultados confirmam a nossa hipótese e estão de acordo com a constatação de Bhat (1978) de que a palatalização é favorecida por vogais posteriores e frontais, resultados que o autor obteve com a análise desse fenômeno em 120 línguas de diferentes famílias e dialetos.

Em relação aos nossos dados, o fator ‘labial’ foi mais favorecedor que o fator ‘dorsal’, porém com uma diferença de peso relativo muito pequena. Podemos concluir que, em nosso *corpus* lido, tanto um certo grau de elevação da lâmina da língua promovido pelas vogais labiais, quanto a retração do corpo da mesma decorrente da articulação das vogais dorsais favorecem a aplicação da regra de palatalização. Em termos articulatórios, as consoantes palato-alveolares e as vogais labiais têm em comum a protusão labial. O arredondamento, associado a outros fatores, contribui para que o som fricativo tenha picos espectrais em faixas de frequências mais baixas, característica das consoantes palato-alveolares, mais graves que as alveolares (JESUS, 1999).

De posse desses resultados, passamos para uma discussão acerca do peso do detalhe fonético na aplicação da regra de palatalização. Nossos resultados apontaram para o favorecimento da aplicação da regra em contextos seguintes de consoante dorsal [k, g, x] e labial [p, b, m, f, v]. A Fonologia da Geometria de Traços (GT), ao determinar a representação dos segmentos, leva em conta essas características fonéticas, mas nem sempre especifica detalhadamente todos os traços, uma vez que determinados movimentos articulatórios estão sempre presentes em determinada classe de consoante, segundo seu ponto de articulação, sendo, portanto, redundantes. Segundo Clements & Hume (1993), o ponto da consoante pode ser labial, coronal ou dorsal. As consoantes labiais têm como articulador ativo os lábios, as coronais, a parte frontal da língua e as dorsais envolvem o corpo da língua. Outros traços que trazem maiores detalhes sobre o ponto de articulação, comumente usados nas matrizes fonéticas do modelo gerativista, como [posterior] e [alto], não são especificados

Letrônica, Porto Alegre v.2, n.2, p. 16, dezembro 2009.

na representação da GT. Na discussão apresentada por Clements (1985), o autor afirma que esses traços só precisam ser especificados quando eles são responsáveis pela distinção fonológica entre segmentos, como é o caso das consoantes com articulação secundária. Em consoantes plenas esses traços não são especificados.

No entanto, consideramos o detalhe fonético e a questão articulatória importante para a nossa discussão. A consoante palato-alveolar é [-anterior], traço que surge da presença da articulação secundária. As consoantes dorsais não têm nenhuma especificação a respeito do traço [\pm anterior], mas sabemos que elas são produzidas com a retração e elevação do corpo da língua e, portanto, podemos dizer que são [-anteriores] e [+altas], assim como as consoantes palato-alveolares. Quando a sibilante palato-alveolar ocorre em maior frequência nesses contextos, podemos dizer que a realização de sons com traços em comum é favorecida, como num processo de assimilação. Mas isso nem sempre ocorre. No caso do estudo feito em João Pessoa (HORA, 2003), a consoante palato-alveolar é favorecida em contextos de consoante seguinte que não tem traços em comum, as consoantes coronais [t,d], [+anteriores], tratando-se, como o próprio autor diz, de um processo de dissimilação. Algo semelhante encontramos em nossa amostra, em que um dos informantes usou as variantes coronais [-anteriores] [t Σ , dZ] e as consoantes alveolares [s,z], que são [+anteriores], em coda.

Em relação ao contexto seguinte labial, novamente, o detalhe fonético tem papel importante. A configuração dos lábios para a produção dessas consoantes parece indutora para a produção de uma consoante palato-alveolar, pois estas apresentam uma configuração labial mais arredondada do que as alveolares [s, z]. Partindo dessas observações, podemos dizer que as análises do nosso *corpus* apontam para o fato de que o fenômeno da palatalização está sendo motivado no sentido de enfatizar semelhanças articulatórias.

Em relação ao contexto antecedente, também podemos fazer inferências semelhantes. O processo de palatalização é favorecido em contextos antecedentes de vogais dorsais e labiais. As vogais dorsais favorecem a retração do corpo da língua, enquanto as labiais, além de também serem posteriorizadas, são produzidas tendo como articuladores ativos os lábios, responsáveis pelo arredondamento.

A consistência dessas análises a partir da fonologia da GT e dos gestos articulatórios pode ser reforçada se compararmos os nossos resultados com os de outros estudos, especialmente a respeito da palatalização. Os resultados do estudo da Brescancini (1996) com comunidades florianopolitanas e os nossos apontam para comportamentos semelhantes em

relação às variáveis estruturais, embora haja discrepâncias acerca da relevância estatística delas. As semelhanças encontradas foram as seguintes:

- as consoantes dorsais em contextos seguintes são favorecedoras, assim como a vogal dorsal em contextos antecedentes também;
- contextos mais fortes, como sílabas tônicas e consoantes [-voz] são favorecedoras⁶;
- a posição silábica que favorece a aplicação da regra de palatalização é a medial;

As diferenças entre esses dois trabalhos dizem respeito à ordem de relevância das variáveis, tanto as linguísticas quanto as sociais, e ao peso do contexto seguinte labial. O contexto labial, em nossos dados, mostrou-se favorecedor, enquanto que na pesquisa de Brescancini, não. Os nossos resultados corresponderam às hipóteses que tínhamos levantado. No entanto, a diferença que mais nos chamou a atenção diz respeito à ordem de relevância das variáveis: duas variáveis consideradas relevantes na análise de Brescancini (1ª e 3ª posição) nem sequer foram consideradas significativas em nossa amostra – traço [voz] e posição silábica, respectivamente. Além disso, o fator vozeamento também foi o mais significativo no trabalho posterior da mesma autora (2003) com dados do Varsul. O mesmo aconteceu com o grupo de fatores ‘tonicidade’. Em relação às variáveis sociais, também houve diferenças de ordem e o fator ‘idade’ não foi significativo no trabalho de Brescancini, enquanto que no nosso, foi.

Temos que considerar, em primeiro lugar, que havia mais variáveis envolvidas na análise de Brescancini, tanto sociais quanto linguísticas (classe de item lexical, região e contato externo), do que no nosso trabalho. A relevância dessas variáveis poderia alterar a relevância das demais, de modo que fica mais difícil estabelecer parâmetros para uma comparação. No entanto, mesmos que os fatores vozeamento, posição silábica e tonicidade não tenham sido relevantes estatisticamente no nosso estudo, as porcentagens de aplicação da regra da palatalização nesses casos conferem com os resultados obtidos por Brescancini,

Mas a pergunta que nos fazemos é a seguinte: o maior grau de monitoramento sobre a fala em nosso *corpus* teria influenciado em nossos resultados? Acreditamos que a resposta seja sim e alguns indícios podem fundamentar essa suspeita:

- o trabalho de Brescancini (1996) registrou a ocorrência de monotongações em palavras como [‘sejΣ]~[‘seΣ], [majΣ]~[maΣ], [dojΣ]~[doΣ]. Essas palavras também apareceram em nossos dados, mas os ditongos foram sempre pronunciados;

⁶ Essa comparação foi feita a partir dos valores absolutos da ocorrência da palatalização, pois os fatores tonicidade e vozeamento não foram considerados estatisticamente relevantes na nossa amostra. O mesmo aconteceu com o fator posição silábica.

- o fato de todas as variáveis sociais terem sido relevantes no processo de palatalização pode indicar que o falante, mais consciente de sua fala, acabou evidenciando características de sua faixa etária, escolaridade e gênero.

Com base nesses indícios, poderíamos, talvez, dizer que o fato de o *corpus* não ser de fala espontânea tenha influenciado nos resultados referentes à relevância estatística das variáveis. No entanto, mais estudos com dados de fala não espontânea teriam de ser feitos para podermos fazer afirmações mais consistentes.

O que podemos avaliar, no momento, é se o uso variável da palatalização se comporta como marcador linguístico, isto é, se há variação estilística (TARALLO, 1985) na aplicação da regra. Para tanto, compararemos as porcentagens do uso da variante palato-alveolar nos contextos das variáveis sociais gênero e escolaridade⁷. Consideramos o *corpus* de Brescancini (1996) como informal, mais próximo do vernáculo; e o nosso, formal, como aquele que não representaria o vernáculo. Segundo Tarallo (1985, p. 52) “se a escolha entre as variantes for de natureza estigmatizada ou de prestígio, o estilo formal bloqueará a variante supostamente estigmatizada”. Temos, então, os seguintes dados:

Tabela 8: Aplicação da regra da palatalização, segundo as variáveis sexo e escolaridade, em estilo formal e informal.

	Informal	Formal
Homens	70%	79%
Mulheres	78%	53%
Até 8 anos de escolaridade	75%	83%
Mais de 8 anos de escolaridade	72%	49%

Observando essa tabela, percebemos que há variação na aplicação da regra nos dois estilos. As mulheres mais escolarizadas palatalizam menos em situações mais formais. Esses números apontam para uma provável estigmatização da variável, uma vez que as mulheres, conforme muitos estudos revelam, preferem a forma padrão. O mesmo podemos dizer em relação às pessoas mais escolarizadas que, em situações mais formais, em que há um maior cuidado com a fala, tendem a usar mais a variante prestigiada.

Essas constatações nos fazem repensar a afirmação que fizemos anteriormente de que a variante palato-alveolar não seria estigmatizada. A questão é complexa e um estudo de cunho social mais aprofundado da região seria necessário, no entanto, não é nosso objetivo no

⁷ Não consideramos a variável idade, pois usamos uma estratificação diferente da usada no trabalho de Brescancini (1996), de modo que não foi possível estabelecer parâmetros para a comparação. Já em relação à escolaridade, juntamos dois fatores, a saber, ‘de zero a 4 anos’ e ‘de 4 a 8 anos de escolaridade’, da pesquisa da autora referida em um único fator - ‘até 8 anos’ - para poder fazer um paralelo com o nosso estudo.

momento. O que podemos dizer, a partir do que pesquisamos até então, é que a Freguesia do Ribeirão foi povoada por imigrantes açorianos, o que se reflete inclusive na arquitetura do lugar, e que a localidade é do interior do município, tendo, ainda, como atividade econômica mais difundida a pesca. Mas o progresso/crescimento econômico, o turismo, a migração estão atingindo o local. Resta saber em que proporção isso acontece e até que ponto isso influi na estigmatização da variante palatalizada do arquifonema /S/.

Vimos, portanto, com essa discussão acerca de nossos dados e da comparação dos mesmos com um estudo de fala espontânea, que a Fonologia da Geometria de Traços é um modelo capaz de fornecer subsídios básicos para explicar os fenômenos da palatalização, mas, às vezes, é interessante ir um pouco além e se deter na questão dos gestos articulatórios envolvidos na produção dos sons para apresentar explicações mais consistentes. Vimos também que, apesar desses temas já terem sido estudados, questões novas ainda podem ser discutidas, como por exemplo, o papel do monitoramento da fala nos processos envolvidos.

Referências

BHAT, D. N. S. A general study of palatalization. In: GREENBERG, J. S. (Org) *Universals of human language*. Stanford, Califórnia: Stanford University Press. p. 47-92. (Phonology, v. 2), 1978.

BRESCANCINI, Cláudia. *A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis*. 1996. 219f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Florianópolis, 1996.

BRESCANCINI, Cláudia. A palatalização da fricativa em posição de coda no dialeto florianopolitano: variáveis linguísticas. In: HORA, Dermeval da; COLLISCHONN, Gisela (Orgs). *Teoria Linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003a. p. 291-326.

BRESCANCINI, Cláudia. A representação lexical das fricativas palato-alveolares: uma proposta. *Revista Letras*. Curitiba, n. 61, edição especial, p. 299-310, 2003b.

CALLOU, Dinah; MARQUES, Maria Helena. O –s implosivo na linguagem do Rio de Janeiro. *Littera*, n. 14, p. 9-137, 1975.

CALLOU, Dinah; MORAES, João Antônio de. A norma de pronúncia do S e R pós-vocálico: distribuição por áreas regionais. In: CARDOSO, Suzana A. Marcelino (Org). *Diversidade linguística e ensino*. Salvador: EDUFBA, 1995. p. 133-147.

CLEMENTS, George. & HUME, Elizabeth V. *The internal organization of speech sounds*. Unpublished ms. University of Cornell, 1993.

CLEMENTS, George N. The Geometry of Phonological Features. *Phonological Yearbook*. N. p. 225-252, 1985.

GUY, Gregory. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. 391f Ph. D Dissertation. University of Pennsylvania, 1981.

HERNANDORENA, Carmen Lúcia. *Aquisição da fonologia do Português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1990.

HERNANDORENA, Carmen Lúcia. A geometria dos traços na representação das palatais na aquisição do Português. *Letras de Hoje*. Porto alegre, v. 29, n 4, p. 159-167, dez. 1994.

HORA, Dermeval da. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs). *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 69-89.

JESUS, Luís Miguel Teixeira. *Analysis of Portuguese Fricative Consonants*. 70f. Mini Thesis- Department of Electronics and Computer Science , University of Southampton, 1999.

LABOV, William. *Modelos sociolinguísticos*. Madri: Ediciones Cátedra, 1983 - Tradução de José Miguel Marinas Herreras de *Sociolinguistic Patterns*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.

LAMPRECHT, Regina R. *Perfil da aquisição normal da Fonologia do Português - descrição longitudinal de 12 crianças: 2:9 a 5:5*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1990

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Sobre os reflexos sociais da mudança em progresso. *Cadernos de Linguística e teoria da Literatura*. Belo Horizonte, UFMG, v. 7, p. 71-89, dez. 1982.

SCHERRE, Maria Marta P.; MACEDO, Alzira V. Tavares. *Phonetic and lexical effects: pos-vocalic –s in Rio de Janeiro Portuguese*. NWAVE XXV, 1996

SILVA, Giselle Machline de O. e. Visão de conjuntos das variáveis sociais. In: SILVA, Gisele M. de Oliveira, SCHERRE, Maria M. Pereira (Orgs). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis na cidade do Rio de Janeiro*. Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ. Tempo Brasileira: Rio de Janeiro, 1996.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

Recebido: 04.07.2009

Aceito: 16.09.2009

Contato: andreberri@yahoo.fr / ka_haupt@hotmail.com